

**POR ABORDAGENS
MENOS CONSENSUAIS:
UM EXERCÍCIO
CARTOGRÁFICO POR
OUTROS MAPAS E
POSSIBILIDADES
NARRATIVAS NO
JORNALISMO
CULTURAL DE MT⁴¹**

*BY LESS CONSENSUAL
APPROACHES:
A CARTOGRAPHIC
EXERCISE THROUGH
OTHER MAPS
AND NARRATIVE
POSSIBILITIES IN
CULTURAL JOURNALISM
IN MT*

Lawrenberg Advíncula da Silva (UNEMAT)⁴²

41 O ensaio foi desenvolvido para ser apresentado no I Ciclo de Palestras: Perspectivas no estudo em periódicos, desenvolvido pelo PPGEL/ UNEMAT, no ano de 2021. Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=QY1EV7d1hIk>

42 Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGCOM-UERJ. Professor Adjunto do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, Câmpus de Tangará da Serra. Editor-executivo da revista científica Comunicação, Cultura e Sociedade – RCCS. Diretor Científico da Regional Centro-Oeste da Rede Brasileira de Estudos de Folkcomunicação – REDE FOLKCOM. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Arte e Cidade – CAC/UERJ e líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Sociedade – CCS/Unemat. E-mail: lawrenberg@unemat.br

Resumo: O presente texto consiste na adaptação de um breve ensaio que foi apresentado durante o I Ciclo de Palestras: Perspectivas no estudo em periódicos, que foi realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso – PPGEL/Unemat, no ano de 2021. O objetivo é apresentar outras possibilidades jornalísticas para a cobertura especializada de acontecimentos, personagens e lugares da Cultura Popular, a partir do método cartográfico. As constatações e análises devem apontar para a urgência de roteiros mais alternativos para jornalistas culturais no contexto geográfico do interior de Mato Grosso. Trata-se de um trabalho interdisciplinar, com ênfase nas intersecções possíveis entre os Estudos de Jornalismo e do Cotidiano, cujas ressonâncias nos permitem traçar algumas aproximações com a tradição dos estudos literários sobre periódicos de Mato Grosso.

Palavras-chave: Jornalismo; Cartografia do cotidiano; Cobertura Jornalística; Cultura.

Abstract: This text consists of the adaptation of a brief essay that was presented during the I Cycle of Lectures: Perspectives on the study in periodicals, which was carried out by the Postgraduate Program in Literary Studies at the State University of Mato Grosso – PPGEL/Unemat, in 2021. The objective is to present other journalistic possibilities for specialized coverage of events, characters and places in Popular Culture, using the cartographic method. The findings and analyzes should point to the urgency of more alternative itineraries for cultural journalists in the geographic context of the interior of Mato Grosso. This is an interdisciplinary work, with an emphasis on the possible intersections between Journalism and Daily Life Studies, whose resonances allow us to draw some approximations with the tradition of literary studies on periodicals in Mato Grosso.

Keyword: Journalism; Cartography of Everyday life; Journalistic Coverage; Culture.

Um ponto de partida...

Li Carolina antes de ler Audálio. E li sem saber que Audálio tivera um papel tão importante na publicação da obra dela. De diversas maneiras, eu era ignorante por chegar tão tarde tanto ao livro de Carolina quanto ao

entendimento do papel de Audálio na obra de Carolina. A branquitude não é apenas violenta, mas também emburrecedora. Isso descubro e redescubro a cada vez que leio um livro de autoras como Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves, assim como de todos os escritores negros das muitas Áfricas, que só agora estão chegando às livrarias do Brasil. Percebo o tanto de essencial que perdi, limitada aos clássicos da literatura europeia, maravilhosos mas brancos, e dos consagrados autores brancos no Brasil e brancos também no pouco das Áfricas que chegava até nós até bem pouco tempo mesmo. A maioria muito bons, mas inscritos em uma experiência de se encarnar neste mundo assinalado pelo racismo e pelo colonialismo. Existem outras experiências. Muitas outras. De certo modo, os movimentos literários das periferias, assim como o hip-hop dos Racionais MC e outros, também para mim, uma branca de classe média, escancarou universos.
(BRUM, Eliane, www.brasil.elpais.com, 29/11/2021)

Em artigo publicado em sua coluna semanal no site jornalístico *El País Brasil*, a jornalista e escritora Eliane Brum foi enfática em nos apontar o quanto muitos jornalistas e muitas jornalistas comprometidos com a boa memória jornalística igual o grande Audálio Dantas não estão livres de cometer injustiças semânticas. Sobretudo quando abrangemos enquanto recorte analítico modos de contar e fazer histórias atravessados do que os imaginários eurocêntricos e a cartilha da branquitude possuem de mais sofisticados nas práticas sistematizadas de discriminação, negação e apagamento das diferenças de um país tão plural quanto o Brasil.

Na ocasião, Eliane Brum resgatou talvez uma das histórias mais icônicas quando o assunto é o poder de transformação social do Jornalismo e mais especificamente de uma reportagem, notícia.

Ela trouxe a verdadeira versão da história sobre a reportagem do jornalista Audálio Dantas com uma das mais importantes escritoras negras do Brasil, Maria Carolina de Jesus, autora do livro *Quarto do Despejo*, que naquela época era moradora da favela Canindé, em São Paulo. Ainda que estivesse investido da maior boa-vontade possível quando produziu a reportagem com esta importante escritora negra, na década de 1950, pelo jornal *Folha da Noite*, a verdade é que Audálio acabou tratando todo o enredo apurado dentro daquele olhar típico de um país racista, em sua forma mais estrutural. Isto é, com um olhar e uma escuta social que invisibilizam e diminuem o protagonismo de pessoas não-brancas e historicamente sempre esquecidas daquelas narrativas políticas consideradas predominantes.

A partir do reconhecimento posterior do equívoco do jornalista Audálio, o que se enfatiza aqui inicialmente são para as múltiplas tramas assumidas por um acontecimento no universo ordinário da cultura popular. Trata-se de mais uma provocação ao positivismo, o cientificismo e a falsa imparcialidade jornalística, dos quais acometem o campo profissional e muitas relações enquanto rubrica de uma visão de mundo social cartesiana. Num exame sobre a capacidade das nossas práticas em apresentar versões mais fidedignas dos acontecimentos diante da crise das grandes narrativas seculares e da Modernidade. Senão numa autoavaliação pontual sobre o próprio lugar do Jornalismo diante de outras formas de narrar os acontecimentos, entre elas, a História em sua perspectiva mais clássica, para não dizer hegemônica.

O equívoco de Audálio Dantas constitui um pretexto retórico a fim de problematizarmos o quanto o Jornalismo como

cronismo do cotidiano popular ainda carece de mais reflexões e perguntas mais reflexivas, no que podemos denominar de um novo estatuto ontológico que não dialogue somente com a Filosofia de matriz europeia e a Sociologia Funcionalista Norte-Americana. Bem como, mais especificamente: deve permitir verificar o quanto a relação entre Jornalismo e História requer construções e proposições epistêmicas menos lineares, quando, ao invés de acontecimentos e fatos desencadeados a partir de uma versão e fio únicos de narração, estejamos diante de uma infinidade de modos de narração/narratividade. Sobretudo quando o acontecimento se transforma não somente pelo tempo, mas com o espaço como dimensão presente.

Considerada referência nos estudos contemporâneos de História da Mídia – e da imprensa –, a professora Marialva Barboza (2010) observa a necessidade de uma abordagem mais plural dos acontecimentos e fatos históricos. Ela sugere que a narrativa dos jornais deve incorrer na apresentação de diversos atores sociais, lugares, técnicas e maneiras. Essa narrativa se desenvolve e se modifica conforme os diferentes momentos assumidos pela transmissão desses fatos.

Na narrativa jornalística analisada aqui como ponto de partida de debate, o que se nota e é mister analisar trata-se de uma construção estereotipada da história Maria Carolina de Jesus por parte de um jornalista com longa trajetória dedicada aos movimentos sociais e à categoria (Audálio foi presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo), quando a escritora é apresentada como favelada, no título de sua reportagem *O drama da favela escrito por uma favelada*. A designação estigmatizada acaba sobressaindo à pluralidade do acontecimento que

apresentava diversos enredos simultaneamente no corpo do texto da reportagem, desde aquele que valorizava a superação de Maria Carolina diante das condições desumanas enfrentadas pelos moradores nas regiões periféricas da cidade de São Paulo neste período histórico até a constatação que o jornalista estava diante de uma escritora autodidata. Ao invés de nomeá-la e reconhecer o protagonismo da escritora, com um título *O drama da favela escrito por Maria Carolina de Jesus*, pareceu supostamente mais “conveniente” atribuir uma designação geográfica discriminatória. Com a sugestão do título, Audálio, além de escrever mais uma página da história do racismo estrutural do Brasil, vai evidenciar que por mais nobre que seja a intenção do conteúdo publicado no que tange a afirmação de determinadas lutas históricas, isso não impede ou isenta o jornalista, historiador e cidadão do perigo de cometer injustiça e de repetir erros cometidos ironicamente por aqueles que criticamos na denúncia social. A atenção recai mais sobre os modos, maneiras e formas de produzir história, observando o quanto o Jornalismo como atividade atrelada à manutenção das memórias sociais de uma dada comunidade requer mais autorreflexividade sobretudo diante da identificação de mecanismos e situações cotidianas que sugerem a repetição de narrativas preconceituosas, racistas.

Muito mais do que redobrar o cuidado na formação de uma consciência social e histórica mais aguçada no currículo das mais diversas escolas de Jornalismo do Brasil, julga-se pertinente sublinhar que a vigilância epistêmica sobre o lugar da práxis (jornalística, historiadora) é constante quando envolve a narração e/ou o relato das minorias. Afinal, assim como a ideia de democracia racial perdura como uma grande falácia no âmbito

da opinião pública brasileira na contemporaneidade, também precisa ser interpretado como análogo a relação histórica entre Casa Grande e Senzala, à medida que a violência, o genocídio e toda forma de terrorismo geralmente são invisibilizados ou não devidamente abordados quando envolvem os grupos mais marginalizados da população. É algo presente na agenda das escolas mais decoloniais do pensamento social na América Latina, em textos de Anibal Quijano ao do professor Walter Mignolo, mas também é tema presente nas chamadas literaturas afro-feministas, quando trazemos para debate a escritora negra e nigeriana Adijie Chimamanda e a necessidade de combater tais injustiças históricas desde as formas mais escancaradas às sutilezas, miudezas do cotidiano – em que a sofisticação de linguagem se faz operar como ferramenta complexa de disseminação de ódio às diferenças/particularidades. Trata-se de questões que exigem de nós um mergulho mais empírico para lugares de fala, mapas de vivência e geografias mais subterrâneas, onde apresentamos como hipótese principal da presente reflexão que é somente possível fazer mudanças significativas nas coberturas jornalísticas a partir da adoção de cartografias mais insurgentes nos processos de apuração e produção de histórias, assim num movimento disruptivo diante da linearidade da história.

Tecendo um primeiro panorama: rabiscando mapas e outras possibilidades na cobertura jornalística em cultura

Diante do caso relatado, parece importante traçarmos outros caminhos epistêmicos no que tange narrativas mais alternativas sobre os acontecimentos no universo do popular.

Principalmente sob o intuito de elucidar indagações como: Afinal, qual o perigo de uma versão e memória únicas em nossos periódicos – jornais, revistas, sites?

Ao fazer indagações do gênero, antes de olhar para o lugar que todo imaginário de diferenças e de alteridades vai ocupar na cobertura de imprensa em geral e em Mato Grosso numa história mais recente, julgo necessário pensarmos em que medida ela se situa mais como pauta de verdadeiras bolhas eruditas do que do povo em sua definição mais generosa. Um argumento aqui que demanda olharmos em outros termos/terminologias para a cobertura de Jornalismo Cultural, uma especialização que requer análises e interpretações sobre a práxis e o relacionamento com as fontes para além do preconizado por aqueles manuais jornalísticos escritos pelo excelente jornalista Daniel Pizza, muito conhecido no meio profissional e acadêmico por seus trabalhos na Folha de São Paulo.

Dito isso, a compreensão é que a identificação de narrativas mais alternativas do popular passe primeiramente pela concepção do Jornalismo e sua interface com cotidiano abranger mais lugares do que um lugar específico, onde o repórter, o historiador ou mesmo o etnógrafo desenvolve sua imersão e observação da realidade social investigada. Ao contrário de percursos programáticos e consagrados, o desafio reside em roteiros mais errantes, quando o contato e a leitura menos enviesados do popular constituem a produção de mapas plurais e de traduções de acontecimentos dinâmicos que sempre estão em processos, em um fazer-com. Seja do trajeto da redação ao evento, seja de toda zona de conforto a todo territorialidade que se insinua movediça, o que se julga proeminente é de uma paisagem em efervescência,

povoada por subjetividades e articulações em constante estágio de emergência, justamente condições de realidade que se opõem ao que se constitui como mapa estável, percepção fixa sobre um fenômeno.

Falamos de um leitor da realidade cultural (evento, festo, intervenção) sempre em trânsito. O leitor-movente, um jornalista-cartógrafo, cujo ofício de apuração se desenvolve justamente a partir do seu movimento em áreas consideradas nomináveis/racionalizáveis/controladas para outras áreas distantes, por vezes excluídas das dinâmicas homogeneizantes e totalizantes do tempo (re)produtivo do trabalho moderno. A atenção é para uma relação dinâmica com o popular, senão mais exposta ao ambíguo entre um acontecimento a outro, quando a leitura cartográfica de fenômenos culturais implica na produção de geografias e paisagens mais difusas, heterogêneas, particulares. Neste sentido, partindo pelo pressuposto metodológico que somente a partir da cartografia seja possível traçar outras narrativas culturais e memórias sociais diante daquilo que se apresenta normatizado pelos saberes hegemônicos em nossas sociedades modernas. A mesma cartografia descrita por Coca e Rosário (2018) como um modelo de pensamento pós-estruturalista.

Mais do que caminhar ou produzir mapas figurativos, cartografar significa fazer leituras por territórios e territorialidades de informação e de conhecimento em constante transformação. O esforço não envolve mais escavar o tempo linear, como apontava os historiadores e os jornalistas mais clássicos, mas visualizar e mapear as conexões do presente, na busca de melhores traduções para os processos culturais em movimento, logo próximo do que Lopes define como método estratégico-rizomático.

Deve-se ainda ter em conta o aspecto subterrâneo de uma formação rizomática, que leva a um problema de visibilidade imediata dessa complexa e intrincada teia de relações. O olhar rizomático traça uma cartografia, desenhando um mapa como diagrama variável. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. (Lopes, 2018, p.46)

Isto, pois, somente nessas condições de leitura estereótipos, rótulos e termos como favelada ocupem menos importância na narrativa em favor das descobertas sobre os processos em andamento. Pegando emprestado a frase do grande filósofo e comunicólogo latino-americano Jesús Martín-Barbero (2002), diria que a adoção da cartografia pressupõe pensar o que implica falar de cultura num movimento de meios e lugares consolidados para as suas mediações e lugares ainda invisibilizados nos principais cadernos/seções de jornais. Assim, num percurso cartográfico que não se basta somente na tarefa de ampliar as pautas e imprimir uma visão menos elitizada sobre a vida urbana, mas de perceber em quais condições as formas de pensar e fazer cultura da chamada margem se tornam referências ativas na cobertura do jornal, mas também na literatura produzida.

Jesús Martín-Barbero é filósofo, semiólogo, comunicador, mas também conhecido como um cartógrafo mestiço. No livro *Ofício do Cartógrafo*, ele é categórico em reconhecer que a cartografia e seus múltiplos mapas cognitivos gerados são capazes de recuperar “a singularidade diversa dos objetos”. (Martín-Barbero, 2004, p. 12). A cartografia iria operar como uma metáfora necessária diante esvaziamento semântico das narrativas mais ortodoxas, ao reconhecer as dobras, as consequências e todas as ramificações

que se desencadeiam em cada processo-acontecimento. Trata-se de uma concepção metodológica de leitura do cotidiano que no âmbito de uma cobertura noticiosa de uma festa tradicional abrange não somente a mudança de agendamento de notícia, mas envolve a natureza ideológica, o sentido, de modo que a diferença, o que foge ao normativo daquela determinada programação de eventos, seja menos tratado como divergente ou como exótico, no âmbito das (versões de) histórias do acontecimento.

Lidar com os processos que escapam dos mapas hegemônicos é uma tarefa hercúlea, pois abrange negociações e superação de modelos e gramáticas de mundo cristalizadas de modo consciente e inconsciente em nosso cotidiano. Sobre isso, é válido reportar as coberturas telejornalísticas sobre as festas de techno brega do Pará ou os bailes de Lambadão da Baixada Cuiabana, pelo prisma de repórteres como Mauricio Kubrusly e Regina Casé, da Rede Globo, profissionais reconhecidos como referências de um Jornalismo popular mais irreverente, espontâneo. Nessas coberturas noticiosas, o que prevalecia era uma visão escrachada do popular, uma visão ridicularizada das pessoas que viviam esse popular. Uma visão, na verdade, oportunista, lembrando uma antiga entrevista de um dos donos da Televisa, o empresário mexicano Emilio Azcarraga, quando vai explicar o sucesso dos seriados Chaves e Chapolin (Rincón, 2015)¹.

Em todos esses casos, redobra-se o cuidado sobre a adoção do signo da cartografia como instrumento de leitura tanto para a percepção de cultura quanto para o de povo, mas também o de massa e de multidões diante de cenários identitários cada vez

¹ Nessa entrevista, o empresário Emilio Azcarraga se refere a cultura popular na televisão como conteúdo feito para gente fodida, de gente fodida.

mais fragmentados, difusos. Deste modo, ocorrendo-me mais uma constatação relevante: em que medida a nossa cobertura em cultura sob a rubrica de defesa do regionalismo cuiabano e mato-grossense produz mapas sinceros sobre as transformações vivenciadas entre as velhas e novas gerações de artistas populares? Em que medida os mapas produzidos por algumas narrativas midiáticas conseguem contemplar o popularesco em seu regionalismo mais localista? Como o escracho pode ser um mapa?

Lembro bem que o termo popularesco vai se tornar conhecido no Brasil a partir da década de 1980, quando as emissoras televisivas SBT e Rede Globo acabaram polarizando a programação, mas, acima de tudo, foram participar mais ativamente na formação cultural das chamadas gerações X e Y. Enquanto a Rede Globo foi apostar numa programação mais neoliberal, com conteúdos mais voltados para a classe média, o SBT investiu em programas populares de auditório, usando uma linguagem mais sensacionalista e explorando a miséria social de um Brasil com os índices mais altos de inflação, então uma das heranças malditas da ditadura civil-militar. Trata-se de cartografias bem distintas, quando analisados as ramificações ideológicas, sociais e culturais de cada uma no recorte da recepção de gêneros como as telenovelas e os programas de auditório. No jornalismo impresso, os mapas produzidos pelo imaginário do popularesco se confundem com os do policialesco em cadernos como *Cidades e Policial*. Por vezes, prevalecendo a impressão em muitos casos de artistas e acontecimentos populares estarem situados em lugares distintos, em universos paralelos.

Por outro lado, é válido destacar que os mesmos mapas e

cartografias que acentuam alguns imaginários em detrimento de outros, também apresentam ausências, exclusões, apagamentos, ao negarem na geografia da cidade a existência de acontecimentos que mexem com toda cadeia subterrânea da vida vivida nos mais diversos lugares. Pelo menos é o que se constata na ausência das coberturas jornalísticas dos bailes de rasqueado e de lambadão na capital Cuiabá. Bem por conta disso, o ativismo de artistas populares como Milton Pinho, conhecido popularmente como “Guapo”, acaba adquirindo uma maior importância, haja vista quando destacado projetos como a Rua do Rasqueado, um evento que promove o encontro de cantores de rasqueado no Centro Histórico de Cuiabá há décadas.

Por cartografias e mapas sensíveis da cultura popular

Se não bastasse a exclusão de muitos acontecimentos populares do que podemos chamar de mapas e cartografias da imprensa “comum” e comercial, também se julga relevante discutir elementos narrativos que precisam ser mais explorados de modo que os mapas e as cartografias se apresentem mais fiéis à dimensão mais sensível do popular. São elementos que buscam transmitir para o leitor em geral qual realmente é a sensação de estar naquela ambiência, naquele ambiente, quais sentimentos se fazem sentidos. Ou seja, num movimento de mergulho cartográfico mais sensível, capaz não somente de descrever a cena como qualquer um pode vê-la do lado de fora, lá na rua em frente à bilheteria da casa noturna de lambadão, mas como uma testemunha daquela experiência, o que perpassa ouvir a voz somente do cantor ou do organizador do evento.

Ainda retomando a lembrança das reportagens feitas

por Maurício Kubrusly no antigo *Brasil Legal*, do Fantástico, e de Regina Casé, nos programas *Central Periferia* e *Muvuca*, a impressão que tenho é desses apresentadores e repórteres do popular realizarem algo mais próximo de uma pseudo-cartografia na ambiência da festa. Isto porque, quantas vezes já deparei com eles analisando ou buscando categorizar determinado acontecimento com *réguinhas* e óculos de eruditos em busca do considerado bizarro. Muito mais do que apresentar as diferenças de um Brasil sociodiverso, o que parece ser uma atenuante é a presença de um olhar de imersão já ultrapassado, um olhar que remonta as primeiras viagens etnográficas de antropólogos britânicos no Oriente, onde o olhar sobre as diferenças culturais tinha como parâmetro um modelo de sociedade hegemônico.

No caso desses repórteres, não havia um cuidado sequer deles em disfarçar a surpresa, o choque cultural (estranhamento), como reflexo de uma clara dificuldade em compreender o sentido mais espontâneo daquela manifestação. Ainda que ambos os repórteres são lembrados pela abordagem mais extrovertida, irreverente, em muitas reportagens prevalecia a impressão de uma dificuldade tátil, sensorial, em relação ao ambiente de uma festa, de um evento comunitário, em que, ao invés de divulgar em caráter afirmativo, o que se discute está mais próximo de uma prática sutil de marginalização.

É preciso frisar: não basta ir ao encontro do popular, a fim de reportar, noticiar, é preciso saber senti-lo, cartografar o acontecimento em sua essência do “vivido”. Enfatiza-se uma tomada de postura mais no campo do afeto, desafiando o antigo logos grego de razão lógica. Trata-se de exercer uma sensibilidade mais relativista durante o cartografar por pautas,

notícias, histórias, no sentido de quebrar antigos paradigmas e preconceitos e construir novas alianças, por mais emergentes que elas possam aparecer. Neste trabalho de realocação do olhar, quase sempre lembro das minhas orientações para alunos que pretendiam fazer trabalhos de documentários de material reciclado ou com garotas de programa. Era enfático em apontar a necessidade de exorcizar as leituras velhas e antagônicas de mundo, a fim de poder conhecer, cartografar e produzir outros mapas diante das experiências proporcionadas pelos novos mundos, pelas alteridades culturais. No fundo, o que queria dizer para aqueles alunos era sobre um mundo contemporâneo em constante transformação que necessitava olhares e diagramas mais amplos, de modo a não cair nas ciladas dos pensamentos dogmáticos e opressores.

Da mesma forma, creio ser muito útil essas lições para a cobertura em cultura na imprensa de Mato Grosso. Afinal, quantas vezes os jornalistas especializados em cultura, escritores, cronistas, articulistas, mas também agentes culturais, não se perguntaram se estão realmente preparados para lidar com o novo e o diferente? Ou aquilo que está mais fora da sua ideia de margem? Imaginemos, neste sentido, num exercício de imaginação cartográfica, uma cobertura de um festival de inverno em Chapada de Guimarães onde a pauta das entrevistas não sejam as atrações artísticas, mas justamente o que a mística e a sensação proporcionada por esse evento podem gerar como transformação em determinados ambientes dessa cidade turística.

Sei que muitos vão dizer que fazer isso vai fugir da pauta em si, não tenho dúvidas. Mas também parece pertinente

ressaltar o quanto a relação entre o experimentalismo e os processos cartográficos mais errantes, além de estar cada vez mais massacrado aos determinismos estéticos e éticos do mercado de imprensa, também vem morrendo na própria constituição do repórter enquanto cidadão vivente, cidadão-sensível. Observando mais atentamente, diria que a maioria dos repórteres acabou desaprendendo a trabalhar em seu exercício com outras faculdades sensoriais nas investidas de campo. No fundo, ao aguçarem mais o olhar hermético, a percepção visual mais objetivada para os fatos, assim como tornarem o ouvido mais mecânico, deixaram de lado o olfato, o paladar e principalmente o tato. Cada vez mais parecem se dirigirem para suas coberturas in loco mais como corpos programados, enviesados pelas camisas de força da rotina produtiva e do tempo cada vez mais curto, do que corpos com percepções emancipadas, capazes de capturar os mais variados detalhes e registrar em seus textos as mais variadas territorialidades, temporalidades da existência coletiva.

Tecendo um segundo panorama: imaginando cartografias e outros dilemas na cobertura jornalística em cultura

Distante de generalizar, o que é muito perigoso, mas não muito distante de chegar num ponto comum, pode-se dizer que boa parte dos jornalistas culturais, além de se mostrarem cada vez mais reféns das chamadas culturas midiáticas de espetáculo, também vem revelando uma certa atrofia intelectual, que abrange o exercício mais intenso e versátil de suas sensorialidades como canais de captura de informação, afeto, sentido. Trata-se de uma preocupação que não se dirige somente à figura do jornalista, do escritor e do “historiador de WhatsApp”, que de forma presunçosa

atualiza todo dia o mito platônico do homem da caverna, mas a todos aqueles que, para mais para menos, tem abdicado de usar mais inteiramente suas capacidades mais natas, mais naturais, mais espontâneas.

Sob essa preocupação, reside outro ponto pertinente da necessidade de mapas e cartografias mais alternativas nos processos de leitura da realidade cotidiana: o grau de fidedignidade dos relatos com o acontecimento cultural pautado. Isto pois, será que estamos conseguindo captar a essência de alguns eventos culturais ou somente reproduzir o obvio, assim com adjetivos-clichês e abordagens cada vez mais pasteurizadas? Em um estado como Mato Grosso, pensar num jornalismo cultural mais sensível implica fazer abordagens das mais variadas manifestações de cultura como um repórter-cartógrafo, imerso não somente simbolicamente, mas em carne e espírito no acontecimento cultural. Vamos aqui supor uma pauta de cobertura de um evento na aldeia Wazare, em Campo Novo do Parecis. Vamos imaginar um evento celebrativo, considerado um dos mais importantes do calendário religioso daquela comunidade. Vamos imaginar a chegada do repórter, orientado geralmente por uma pauta clássica em que predomina uma visão de homem branco das práticas indígenas. Enfim, até aí algo que tem sido muito previsível, quando se nota iniciativa jornalística como essa. Lembrando que geralmente jornalista mato-grossense entra numa aldeia indígena mais para fazer cobertura de caderno Policial ou Economia, haja vista as reportagens sobre a relação de alguns indígenas Parecis com a produção de soja.

Contudo, o que parece ser uma questão diferencial é o modo como esse repórter pode em sua ambientação comunitária

situar os relatos, os acontecimentos, logo numa narrativa que busca expressar o que é sentir aquela experiência, o que significa partilhar aquela experiência aos olhos de quem está naquele local. Deste modo, num processo de imersão no qual o olhar do leitor é chamado a se deslocar subjetivamente do lugar dele de homem branco para o de homem indígena, isto é, um processo de formação de identificação para além do campo da informação racional, pois envolve a disseminação de informações sensoriais.

Na contramão das práticas convencionais de atribuir imagens-sínteses de expressões do imaginário coletivo regional, de produzir arquivos e arquivologias em cultura em Mato Grosso, o foco aqui está mais para práticas cartográficas e mapas alternativos que buscam outras formas de inteligibilidade do fenômeno cultural. Práticas de fomento de outras arqueologias simbólicas que estão mais próximas de verdadeiras astúcias do cotidiano, compreendidas pelo filósofo do cotidiano Michel de Certeau (1994) como uma forma de criatividade diante de formas dominantes e hegemônicas. É de se dizer que o cartógrafo-jornalista-historiador-escritor na cultura seja um verdadeiro artista do cotidiano, um artesão do acontecimento, em sua capacidade de forjar as mais diversas artes-de-registrar, artes-de-relatar. Artes que evidenciam o senso mais orgânico para as relações sociais, em suas tramas mais subterrâneas. Artes que permitem ampliar o seu olhar para o anedódino, desta maneira, possibilitando desenvolver memórias mais atentas ao detalhe, ao banal. Num movimento de percepção do estruturalmente imposto para o naturalmente revelado, como já apontado por Michel Maffesoli em sua sociologia do cotidiano e diante da necessidade de um olhar mais compreensivo ante dos fenômenos da cultura.

Discute-se aqui abordagens mais dissensuais, resgatando o que pensador francês Ranciere (2005) sobre o caráter mais conflituoso e necessário das diferenças, das controvérsias. A partir dessas abordagens e modos de leitura mais dissensuais de cultura, enfatiza uma cobertura do popular que possa produzir arquivos e quadros de referência mais próximos do que é a cultura nos nossos dias. Abordagens e práticas de “decifrar” o invisível mais identificadas com as formas coletivas, tribais, com as manifestações do popular e do folclórico em sua tradução mais espontânea e menos contratual. Abordagens que nem sempre se revelam comprometidas em atender o espetáculo, tampouco as marcas mais remotas da tradição religiosa. Abordagens que vão exigir conciliar, juntamente com celulares, câmeras fotográficas, filmadoras, gravadores e demais equipamentos tecnológicos, o aguçamento dos sentidos do olfato, da audição, do tato, de modo a ampliar a dimensão do acontecimento. Portanto, passando a valorizar mais profissionais hiper e multissensoriais (Silva, Oliveira, Aguiar, Araújo, www.observatoriodaimprensa.com.br, 23/05/2024).

Algumas considerações parciais

Como se pode notar, aqui foi traçado um interessante percurso. Primeiro, destacando o perigo de uma memória única em cultura, assim também num esforço de problematizar os males da enculturação, da marginalização de outras formas de cultura, senão a valorização de um certo etnocentrismo cultural na cobertura jornalística, produção literária e nos modos dos mais diversos atores culturais se organizarem como campo político. O que permite a gente imaginar o peso semântico e paradigmático

de algumas palavras, representações, colocações jornalísticas, espaço de fala / voz, tanto no sentido de manterem vivas e mais cristalizadas antigas práticas de opressão cultural, quanto no sentido de reafirmarem outras, mais afirmativas às diferenças. Ou seja: aqui se exige uma consciência mais relativista em relação à cultura popular, tanto para profissionais do campo do jornalismo quanto da literatura.

O segundo ponto levantado traz uma crítica à cobertura do popular na cultura. Uma questão que busca evidenciar o quanto uma herança etnocentrista contribui para o fomento de memórias mais escrachadas da cultura, nas quais o humor, o escárnio, acabam operando como ferramentas de degradação e de apagamento cultural. Ao mesmo tempo, parece importante destacar o caráter potente da cultura considerada vulgar de se reinventar e se relacionar com as mais variadas dinâmicas contemporâneas, sobretudo a do consumo. Neste sentido, parece conveniente trazer a noção de culturas bastardas do pensador colombiano Omar Rincón. Para ele (2015), as culturas populares desenvolvem como característica a capacidade de se atualizar e se misturar com outras formas de cultura, desde a erudita à pop. Trata-se de uma questão que deve sugerir outros mapas e quadros de referência, sobretudo quando alertam sobre os riscos de se buscar categorizar, de demarcar, ou de nomear o que se apresenta sempre em movimento, em mistura, em remix, em hibridação, lembrando outro estudioso de cultura, Nestor Garcia Canclini.

O terceiro ponto levantado abrange a necessidade de abandonarmos antigas posturas e velhos mapas, sobretudo fundados no racionalismo moderno, e adotarmos cartografias

que vão revelar uma atitude mais conectada com o modo como a cultura se transforma nas relações do vivido. Ou seja, a atenção é para o exercício cartográfico e uma maior sensibilidade diante do acontecimento cultural, o que, por sua vez, demanda o emprego de outras capacidades além do olho e dos ouvidos nos processos de registro de histórias e de fatos. Assim, diante da hipótese que a partir das formas mais sensíveis e sensoriais de ler o cotidiano seja possível identificar leituras e quadros de referência mais densos sobre a manifestação da cultura. O que na prática deve sugerir para a imprensa e o campo literário de Mato Grosso uma aproximação maior ao campo da fenomenologia e da tradição naturalista brasileira. Que possamos além de descrever acontecimentos, também expressar o espírito desses acontecimentos.

O quarto ponto tem relação com os procedimentos para quem se coloca como um cartógrafo do acontecimento/ do popular, assim numa argumentação mais didática do que demanda pensar na produção de abordagens mais sensíveis e dissensuais na cultura. A ênfase está na prática cartográfica, então como um modo tático de falar de cultura em tempos cada vez mais movediços, sem cometer o perigo de fazer constatações contraditórias. Trata-se de procedimentos mais próximos de uma noção de cultura mais global e menos hegemônica. Procedimentos de interlocução com a realidade mais diversos, que são colocados justamente para desafiar a nossa capacidade empírica de produzir registros mais criativos, inovadores. Mais do que a produção de arquivos, histórias e memórias que buscam atender às chamadas grandes narrativas, busca-se os microrelatos, as microhistórias, de modo a expressar as manifestações da cultura em suas facetas

mais complexas e dinâmicas. Assim num movimento já esboçado quando imprensa mergulha no universo *underground* das tribos urbanas, sim, mas cada vez mais necessário para ampliarmos as referências para o universo das tribos rurbanas, em seu caráter mais informal e subterrâneo.

Isto exposto, a reunião desses quatro pontos deve ser compreendida como mapas possíveis para formas de cultura cada vez mais situadas em mares enigmáticos. Parafraseando a frase imortalizada por Fernando Pessoa, “Navegar é preciso, viver não é preciso”. Diria que o mapear/cartografar está para o navegar na imprecisão, reconhecendo na ambivalência sucesso – fracasso da vida outras modulações de existência, outras formas de expressão da vida, que em seus transbordamentos sejam capazes de produzir as mais variadas histórias e fabulações de mundo, ao invés de só uma versão jornalística e de história de cultura.

Referências

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*. Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BRUM, Eliane. *O que Audálio fez com Maria Carolina de Jesus?* El País Brasil, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-11-30/o-que-audalio-dantas-fez-com-carolina-maria-de-jesus.html> Acessado em: 29/11/2021.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas – Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Edusp, São Paulo, 1998, pgs. 304-305. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1995.

COCA, A.P.; ROSÁRIO, N.M. (2018). Acartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação. *Comunicação&Inovação, PPGCOM/USCS*, v.19, n.41, pp.34-48, set-dez, 2018.

LOPES, Maria Immacolatta Vassalo. A teoria barberiana da comunicação. Revista Matrizes, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 39-63, jan./abr. 2018

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos - O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Editora Forense Universitária. 3. ed. Rio de Janeiro, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos Meios às Mediações – Comunicação, cultura e hegemonia*. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1997, p. 259.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Ofício de Cartógrafo: Travessias latino-americanas da Comunicação na Cultura*. Edições Loyola: São Paulo, 2004.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Ed 34, 2005.

RINCÓN, Omar. Lo popular en la comunicación: culturas bastardas + ciudadanías celebrities. In: AMADO, Adriana e RINCÓN, Omar. *La comunicación en mutación*. Bogotá: Fundación Friedrich Ebert (FES), 2015.

SILVA, Lawrenberg Advíncula, OLIVEIRA, Débora Camila; AGUIAR, Elismácia, ARAÚJO, Marilene Gomes. Por jornalistas mais multi e hipersensoriais. Portal Observatório da Imprensa: Edição 1289, 23/05/2024. Disponível em: www.observatoriodaimprensa.com.br.